

CAPÍTULO 14 - 445b 3 - 446a 20

445b 3 Mas alguém levantará uma objeção: se todo corpo é infinitamente divisível, também o são as afecções sensíveis? Por exemplo, a cor, o sabor, o odor e o som, o pesado e o frio, o quente e o leve, o duro e o mole.

445b 6 Mas isso é impossível. Pois cada uma destas é algo que ativa uma potência sensitiva. Pois todas são nomeadas pelo fato de poderem mover uma potência sensitiva. Necessariamente, então, o sentido é infinitamente divisível, e toda grandeza é sensível. Pois é impossível ver algo branco que não seja uma quantidade.

445b 11 Pois, se não é assim, então pode haver um corpo que não tenha cor, nem peso, nem outra afecção semelhante, e que, portanto, não seja de modo algum sensível: pois estes são os objetos sensíveis. Haverá, portanto, algo sensível composto do que não é sensível. Mas necessariamente é composto do sensível, pois não é composto de objetos matemáticos.

445b 15 Além disso, a que o atribuiremos senão ao intelecto, ou como os conheceremos? Mas não são inteligíveis, pois o intelecto não entende o que está fora senão com a sensação.

445b 17 Mas, se é assim, isso parece favorecer os que põem grandezas indivisíveis: assim a discussão se resolve. Mas isso é impossível, como se disse antes nas discussões sobre o movimento.

445b 20 Com a resolução disto, ficará ao mesmo tempo claro também por que as espécies de cor, de sabor, de sons e de outros objetos sensíveis são limitadas. Pois o que está dentro dos extremos é necessariamente determinado, e os extremos são contrários. Mas todo gênero de objeto sensível tem contrariedade, por exemplo, preto e branco na cor, doce e amargo no sabor. E assim em todos os outros há extremos que são contrários.

445b 27 Um contínuo, então, é divisível em um número infinito de partes desiguais, mas em um número finito de espécies iguais. E o que não é por si contínuo é divisível em espécies finitas.

445b 29 Devemos falar das afecções como "espécies", embora existam numa continuidade e nestas partes. Por isso, devemos tomar que o que está em potência e o que está em ato são diferentes. Por isso a décima parte de um milésimo de grão de painço escapa à percepção da vista, embora a vista o percorra. E o som numa diese escapa à percepção, embora todo o canto, que é contínuo, seja ouvido. A distância entre os extremos escapa à percepção. O mesmo ocorre com o extremamente pequeno nos outros objetos sensíveis. Eles mesmos são visíveis em potência, mas não em ato, quando não estão separados. Assim, um comprimento de um pé existe em potência

em algo de dois pés, e existe em ato quando é dividido.

446a 7 Mas é razoável que partes separadas de tamanho tão extremamente pequeno se dissolvam no meio circundante, como uma pequena quantidade de sabor derramada no mar.

446a 10 Mas não há extremo da potência sensitiva que corresponda ao do próprio objeto sensível, mesmo que esteja separado. A extrema pequenez está em potência para uma potência sensitiva mais segura. E um objeto sensível separado de tal tamanho não será sentido em ato. Contudo, será um objeto sensível, pois já há a potência, e estará em ato quando uma potência sensitiva chegar a ele. Assim se disse que algumas grandezas e afecções escapam à percepção; e por que causa; e o modo em que são objetos sensíveis, e o modo em que não são.

446a 16 Mas, como há quantidades existentes dentro de modo a serem sensíveis em ato, e não só como no todo, mas também separadamente, elas, as cores, os sabores e os sons, são necessariamente finitas segundo algum número.

Comentário

445b 3 Depois de determinar sobre os órgãos dos sentidos e os objetos sensíveis, o Filósofo determina aqui algumas questões sobre a potência sensitiva e os objetos sensíveis.

Primeiro, levanta uma questão sobre os próprios objetos sensíveis. Segundo, levanta outra sobre a alteração da potência sensitiva por um objeto sensível, onde diz *Mas alguém levantará uma objeção* (cap. 15, 446a 20). Terceiro, levanta uma terceira sobre a própria potência sensitiva, onde diz *Mas há também outra objeção semelhante* (cap. 16, 447a 12).

Sobre o primeiro ponto, faz três coisas. Primeiro, levanta a questão. Segundo, introduz argumentos sobre ela, onde diz *Mas isso é impossível* (445b 6). Terceiro, resolve-a, onde diz *Com a resolução disto* (445b 20).

Diz, pois, primeiro, que todo corpo é infinitamente divisível: pois isso é da natureza de um contínuo, como é claro no livro da *Física*. [Nota] Mas as qualidades sensíveis, que se chamam afecções, como se diz nas *Categorias*, [Nota] estão no corpo como em seu sujeito. Portanto, há uma questão que alguém pode levantar como objeção: se as próprias qualidades sensíveis, como a cor, o sabor e assim por diante, são também infinitamente divisíveis.

445b 6 Então, quando diz *Mas isso é impossível*, levanta objeções acerca da questão posta.

Primeiro, levanta objeções para mostrar que as qualidades sensíveis não são infinitamente divisíveis. Segundo, levanta objeções do outro lado, onde diz *Pois, se não é assim* (445b 11). Terceiro, elimina uma solução falsa, onde diz *Mas, se é assim* (445b 17).

Diz, pois, primeiro, que parece impossível que as qualidades sensíveis sejam divididas infinitamente, porque cada uma das qualidades sensíveis acima mencionadas age naturalmente

sobre uma potência sensitiva. Pois a natureza própria de cada uma consiste nisto: poder mover uma potência sensitiva; por exemplo, pertence à natureza da cor poder mover o sentido da visão. Se, então, as qualidades acima mencionadas são infinitamente divisíveis, a consequência será que o sentido, isto é, o próprio ato de sentir, é infinitamente divisível. Ora, um ser movido é infinitamente divisível segundo a divisão da grandeza através da qual algo se move; e assim seguir-se-ia que, assim como o movido percorre toda parte da grandeza, assim quem sente sentiria qualquer grandeza, por menor que fosse, e assim toda grandeza seria sensível.

Mas acrescenta uma razão pela qual não conclui que nem sequer os pontos são perceptíveis ao sentido: porque é impossível ver algo branco que não seja uma quantidade; e o argumento é o mesmo quanto aos outros objetos sensíveis. A razão disso é que a potência sensitiva é uma potência numa grandeza, já que é o ato de um órgão corporal, e assim só pode ser afetada pelo que tem grandeza: pois o que é ativo deve ser proporcionado ao que é passivo.

Resta o problema de que toda grandeza é perceptível; como isso deve ser entendido será esclarecido abaixo. Daí se pode concluir que as qualidades sensíveis não são infinitamente divisíveis.

445b 11 Então, quando diz *Pois, se não é assim*, levanta objeções do lado oposto, com dois argumentos. O primeiro é este. Se as qualidades sensíveis não são infinitamente divisíveis, então pode haver um corpo mínimo que transcende a divisão das qualidades sensíveis e não tem qualidade sensível, isto é, nem cor, nem peso, nem qualquer outra qualidade semelhante. E assim tal corpo não será sensível, porque só as qualidades mencionadas são objetos sensíveis. Portanto, como esses corpos minúsculos são partes de um corpo inteiro que é sensível, seguir-se-á que um corpo sensível é composto do que não é sensível. Mas um corpo sensível é necessariamente composto do que é sensível, pois não se pode dizer que um corpo sensível seja composto de corpos matemáticos, nos quais a quantidade é considerada sem qualidades sensíveis. Resta, portanto, que as qualidades sensíveis devem ser infinitamente divisíveis.

445b 15 Apresenta o segundo argumento onde diz *Além disso, a que o atribuiremos*.

Seu argumento procede do ponto de que a alma por natureza conhece todas as coisas, seja pelo sentido, seja pelo intelecto, como se estabeleceu em *Sobre a Alma* III. [Nota]

Assim, se os corpos mínimos acima mencionados, que transcendem a divisão das qualidades sensíveis, não são sensíveis por carecerem de qualidades sensíveis, só podem ser atribuídos ao intelecto como potência que os conhece. Mas não se pode dizer que sejam inteligíveis: pois o intelecto não entende nenhuma das coisas fora da alma senão com a sensação delas, isto é, sentindo-as simultaneamente. Se, portanto, esses corpos mínimos não são sentidos, não poderão ser entendidos.

Diz isso para eliminar uma opinião de Platão, que sustentava que as formas entendidas existem fora da alma. Mas, segundo Aristóteles, as coisas entendidas são as próprias naturezas das coisas nos singulares, as quais, enquanto estão nos singulares, caem sob a apreensão da potência sensitiva. Mas o intelecto apreende essas naturezas de modo absoluto e lhes atribui certas intenções inteligíveis, a saber, a de ser gênero ou espécie. Essas intenções existem só no intelecto,

não fora dele; daí que só o intelecto as conheça.

445b 17 Então, quando diz *Mas, se é assim*, elimina uma resposta falsa.

Poder-se-ia argumentar assim. Um problema se segue de pôr a divisibilidade infinita da grandeza, seja o que for que se diga das qualidades sensíveis, que sejam infinitamente divisíveis ou não. Isso, então, parece favorecer a opinião dos que põem grandezas indivisíveis, porque a dificuldade se resolve assim: pois, se um corpo não é infinitamente divisível, então, como a qualidade sensível não é infinitamente divisível, não se seguirá que haja corpos que não podem ser sentidos. Mas essa opinião de que algumas grandezas são indivisíveis é impossível, como é evidente pelo que foi dito nas discussões sobre o movimento, isto é, na *Física* VI. [Nota]

445b 20 Então, quando diz *Com a resolução disto*, resolve a questão que levantou acima sobre a divisão das qualidades sensíveis.

E primeiro trata de sua divisão formal, isto é, do gênero em espécies. Segundo, de sua divisão quantitativa, onde diz *Um contínuo, então* (445b 27).

Diz, pois, primeiro, que, junto com a solução das dificuldades acima mencionadas, ao mesmo tempo deverá ficar claro por que as espécies de cor, de sabor e de outras coisas semelhantes são finitas: pois prometeu acima que isso seria determinado.

Dá para isso a seguinte razão. Se é possível chegar ao ponto mais distante a partir de qualquer dos extremos, o que está no meio é necessariamente finito, como se provou nos *Analíticos Posteriores* I. [Nota] Ora, é claro que em qualquer gênero de objetos sensíveis há uma contrariedade que é a maior distância, e assim os contrários devem ser os extremos, por exemplo, preto e branco na cor, doce e amargo no sabor, e igualmente nos outros. Resta, portanto, que as espécies intermediárias são finitas.

445b 27 Então, quando diz *Um contínuo, então*, resolve a questão levantada antes sobre a divisão quantitativa das qualidades sensíveis.

Primeiro, faz algumas pressuposições. Segundo, procede a resolver a questão onde diz *Devemos falar das afecções* (445b 29).

Sobre o primeiro ponto, faz duas pressuposições.

A primeira é que um contínuo é, de um modo, divisível num número infinito de partes e, de outro modo, num número finito. Pois, se se faz uma divisão em partes iguais, ela não poderá proceder ao infinito enquanto o contínuo for finito, porque, se de qualquer coisa finita se tira repetidamente algo do tamanho de um palmo, será inteiramente retirada. Mas, se se faz uma divisão em partes desiguais, ela procederá ao infinito: por exemplo, se um todo é dividido ao meio, e de novo a metade ao meio, que é um quarto do todo, a divisão procederá ao infinito.

A segunda suposição é que o que é contínuo não por si, mas acidentalmente, por exemplo a cor e outras coisas semelhantes, é por si dividido formalmente em espécies finitas, como se disse pouco antes.

445b 29 Então, quando diz *Devemos falar das afecções*, procede a resolver a questão principal, que era sobre a divisão das qualidades sensíveis.

Porque tomou seu argumento sobre esta questão do que aparece na sensação, primeiro inquirir sobre a divisão ao infinito com respeito ao próprio ato de sentir. Segundo, conclui sua proposta com respeito às próprias coisas sensíveis, onde diz *Mas, como há quantidades* (446a 16).

Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas. Primeiro, inquirir se o sentir procede ao infinito com respeito às partes existentes num todo. Segundo, se o faz com respeito às partes separadas, onde diz *Mas é razoável* (446a 7).

Diz, pois, primeiro, que, porque devemos falar das afecções, isto é, das qualidades sensíveis, como "espécies" e formas que não são, consideradas em si mesmas, infinitas, como se disse, e que, no entanto, existem num contínuo como em seu sujeito, por cuja divisão são acidentalmente divididas, segue-se que, assim como num contínuo há algo em ato, a saber, uma parte separada, e algo em potência, a saber, uma parte existente no contínuo não separada, assim também nessas qualidades, divisíveis acidentalmente, uma parte separada existe em ato e, portanto, pode ser sentida em ato, mas uma parte não dividida existe em potência e, por isso, não é sentida em ato. E assim, embora a vista percorra um grão de painço, alguma minúscula parte deste, digamos a décima de um milésimo, escapa à percepção da vista. Do mesmo modo, embora todo um canto contínuo seja ouvido, alguma pequena parte do canto, como uma diese, que é a menor unidade na melodia, sendo a distância entre um tom e um semitom, escapa à percepção da audição. Pois esse tipo de distância intermediária entre os extremos escapa à percepção. E assim, no caso dos outros objetos sensíveis, o extremamente pequeno escapa totalmente à percepção da potência sensitiva. Pois é visível em potência, mas não em ato, exceto quando separado. Do mesmo modo vemos nas grandezas que uma linha de um pé existe em potência numa linha de dois pés, mas existe em ato quando é dividida do todo.

É claro, pelo que precede, que é falso o que dizem alguns matemáticos: que nada é visto inteiro de uma só vez, mas que a vista percorre as partes de um objeto visível como se o ver fosse um contínuo, como o ser movido. Enganam-se nisso, porque as partes de um contínuo são visíveis não em ato, mas só em potência. Por isso a vista toma um todo visível como uma unidade indivisível pertencente a um gênero próprio, a menos que tome partes não divididas como se o fossem, como quando olha cada uma, uma a uma. Contudo, nem isso alcança toda parte mínima, porque então o sentir seria infinitamente divisível, o que foi descartado acima como inconsistente.

446a 7 Então, quando diz *Mas é razoável*, mostra que nem mesmo as partes separadas são infinitamente perceptíveis pelo sentido.

Primeiro, do ponto de vista das próprias partes. Segundo, do ponto de vista da própria potência sensitiva, onde diz *Mas não há extremo* (446a 10).

Diz, pois, primeiro, que, se partes extremamente pequenas são separadas de um todo, parece razoável, por causa da pequenez de seu poder de autoconservação, que não possam continuar a durar; pois o poder corporal se divide segundo a divisão da grandeza, como é claro pela *Física* VII. [Nota] E assim essas partes mínimas separadas são imediatamente convertidas no corpo

circundante, por exemplo ar ou água, como é claro no caso de uma bebida saborosa derramada no mar.

Disso é claro por que um corpo matemático, no qual só se considera a natureza da quantidade, que nada tem que se oponha à divisão infinita, é infinitamente divisível. Mas um corpo natural, que é considerado sob uma forma total, não pode ser dividido infinitamente, porque, uma vez reduzido à sua menor parte, é imediatamente, por causa da fraqueza de seu poder, mudado em outra coisa. Daí que se possa encontrar uma menor parte da carne, como se diz na *Física* I. [Nota] Mas um corpo natural não é, como se disse na objeção, composto de corpos matemáticos.

446a 10 Então, quando diz *Mas não há extremo*, mostra a proposta do ponto de vista da própria potência sensitiva.

Para evidência neste ponto, deve-se saber que, quanto mais excelente é uma potência sensitiva, tanto menor alteração do órgão por um objeto sensível ela pode perceber. Mas é claro que, quanto menor é um objeto sensível, menor é a alteração que causa no órgão, e assim tanto mais excelente potência sensitiva requer para ser sentido em ato. Mas é claro que a potência sensitiva não pode ser aumentada infinitamente, como tampouco as outras potências naturais.

Daí que, mesmo que os corpos sensíveis fossem infinitamente divisíveis, não haveria, contudo, sempre um extremo da potência sensitiva em superioridade de poder que correspondesse ao extremo do objeto sensível em pequenez, nem mesmo se a extrema pequenez do objeto sensível continuasse a durar separada. Pois a extrema pequenez do objeto sensível existe em potência, para ser percebida por uma potência sensitiva mais segura e mais perfeita, e, se esta não está presente, não poderá ser sentida em ato. Todavia, será um objeto sensível em si mesmo, pois já, por estar separado, tem poder ativo para alterar um sentido, e, quando um sentido chegar a ele, será percebido em ato. Portanto, é claro que é verdade o que se disse acima, que nenhuma grandeza é invisível, isto é, em si mesma, embora uma grandeza possa ser invisível por imperfeição da vista.

Conclui, pois, que se disse que algumas grandezas e qualidades afetivas escapam à percepção da potência sensitiva; e por que causa; e o modo em que são objetos sensíveis, e o modo em que não são.

446a 16 Então, quando diz *Mas, como há quantidades*, conclui do que precede que, visto que algumas partes dos corpos sensíveis têm quantidade deste modo, de modo a serem sensíveis em ato não só quando existem num todo, mas também quando divididas, partes desse tipo são necessariamente finitas segundo algum número, seja no caso das cores, dos sabores ou dos sons. E assim, na medida em que são perceptíveis em ato, não são infinitamente divisíveis.